

Um passeio pelo Louvre em retratos

Instituto Moreira Salles abre mostra e lança livro sobre série do fotógrafo Alécio de Andrade feita no famoso museu

Alécio de Andrade (1938-2003) foi mais que fotógrafo: era também pianista e poeta. Residente em Paris, o carioca realizou um trabalho célebre por quase 40 anos: nos espaços múltiplos do “maior museu do mundo”, o Louvre, fotografou seus visitantes, de forma poética, em nada menos do que 12 mil imagens. Agora, dentro da programação do Ano da França no Brasil, o Instituto Moreira Salles apresenta um recorte dessa série com a abertura, amanhã, da mostra *O Louvre e Seus Visitantes*, acompanhada da edição de livro com prefácio do filósofo e sociólogo francês Edgar Morin e ensaio do acadêmico Adrian Harding. A exposição, com curadoria de Hélène Lassalle e Jean Marchetti, reúne 88 obras em preto e branco.

“O traço comum das fotografias que apresento talvez seja devolver a esse lugar tão visitado aqueles momentos de intimidade do público com as obras. De um momento para o outro, o visitante vive o encontro com uma obra ou mesmo com um detalhe dessa obra que vai comovê-lo mais do que qualquer outra coisa. Foi isso que quis registrar”, afirma Alécio de Andrade, no depoimento que abre o livro.

Edgar Morin, em seu ensaio, explica que as imagens de Andrade “permitem adquirir uma visão em espelho”, ou seja, o belo se apresenta em diferentes faces, todas contidas na mesma foto – a beleza das obras (tantas delas tão conhecidas, vistas ao vivo ou não, porque estão em nosso imaginário), a contemplação do outro, o visitante flagrado em encantamento pelo quadro ou escultura que vê no museu; o olhar do fotógrafo para aquele momento, captando até mesmo “maravilhosas atitudes corporais” do espectador; e, por fim, a nossa própria visão de tudo isso condensada em um retrato. “O imaginário começa com a imagem-reflexo, que ele dota de um poder fantasmagórico, a magia do duplo”, escreve ainda Morin.

Andrade iniciou a série *O*



VISÃO EM ESPELHO – Crianças observam quadro de Ingres em 1990

Louvre e Seus Visitantes em 1964 e é curioso relacionar agora esse trabalho com o similar e recente do alemão Thomas Struth, que, no início dos anos 2000, também fez retratos de pessoas em museus – dele, uma das imagens mais conhecidas é de um grupo de crianças sentadas no chão e ouvindo as explicações sobre *Las Meninas*, de Velázquez no Prado. Mas as fotos de Struth têm algo de congelado no tempo, o que não transparece nas imagens de Alécio de Andrade. Os retratos do brasileiro têm vivacidade, humor (três freiras vêm o quadro das Três Graças nuas), des-

contração – há imagens, por exemplo, de visitantes exaustos descansando –, e revelam algo do “instantâneo”. Como são imagens feitas durante décadas, vê-se nos detalhes das roupas a passagem do tempo e há esse jogo também entre o antigo e o atual. ● C.M.

Serviço

● **O Louvre e seus Visitantes.** Instituto Moreira Salles. Rua Piauí, 844, 1.º andar, Higienópolis, 3825-2560. 13h/19h (Sáb. e dom., 13h/18h; fecha 2ª). Grátis. Até 21/6. Abertura amanhã, às 19h30

Exposição exhibe flagrante fotográfico que cria 'esculturas' no museu do Louvre

EDER CHIODETTO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Fotografar pessoas que observam obras em um museu tornando-as esculturas ocasionais diante de quadros famosos na história da arte é um dos melhores motes do ensaio do brasileiro Alécio de Andrade (1938-2003), que por 40 anos fotografou o movimento do Louvre, em Paris. O trabalho gerou cerca de 12 mil fotos e se transformou agora no livro "O Louvre e Seus Visitantes" e em uma exposição, que será inaugurada hoje à noite no Instituto Moreira Salles, em São Paulo.

O livro, editado em parceria entre o Instituto Moreira Salles

e a editora francesa Le Passage, foi impresso na Itália e traz prefácio do filósofo francês Edgar Morin. Num dado momento, ao comentar o efeito das imagens na vida das pessoas, Morin comenta que a fotografia irriga a vida real do imaginário, e o imaginário, da vida real. "O imaginário é o além multifforme e multidimensional das nossas vidas e no qual nossas vidas igualmente se banham", diz.

Ao olhar as imagens de Andrade, o imaginário se potencializa em quando o artista consegue captar seus modelos em flagrantes que os relacionam por meio de forma e luz com os quadros da história da arte. Isso acontece quando um segu-

rança do Louvre, ao lado da "Mona Lisa", de Da Vinci, e replete sem querer o gesto e a expressão do quadro. Ou quando três freiras se postam diante da tela "As Três Graças", de Jean-Baptiste Regnault, criando uma tensão mordaz e bem-humorada entre obra de arte e realidade.

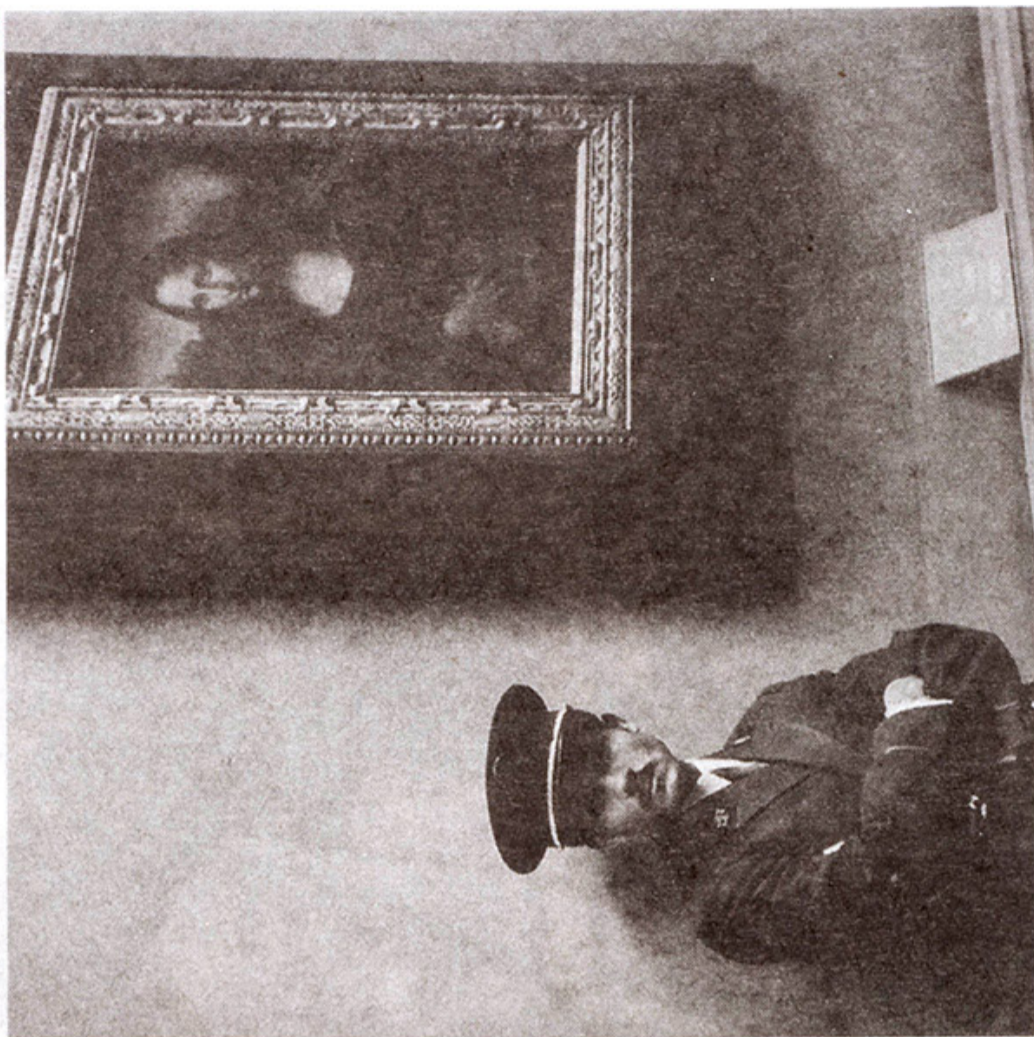
A mostra no IMS integra os eventos ligados ao Ano da França no Brasil.

➔ O LOUVRE E SEUS VISITANTES

Quando: abertura hoje, às 19h30 (convívidos); de ter. a sex. das 13h às 19h, e sáb. e dom. das 13h às 18h; até 21/6

Onde: Instituto Moreira Salles (r. Piauí, 844, SP, tel. 0/xx/11/3825-2560); livre
Quanto: entrada franca

Alécio de Andrade



Fotografia de Alécio de Andrade que flagra segurança ao lado de 'Mona Lisa', de Leonardo da Vinci (1452-1519), em 1971

2009
Ano da França no Brasil

De olho nos frequentadores do Louvre

Mostra em São Paulo traz fotos de Alécio de Andrade com reações dos visitantes do museu

Marcia Abos

SÃO PAULO

Durante quase 30 anos, o fotógrafo, pianista e poeta brasileiro Alécio de Andrade (1938-2003) visitava diariamente o Museu do Louvre ("Como um mineiro vai à mina", dizia ele). Carioca radicado em Paris desde 1964, Alécio garimpava tesouros instantâneos no mais célebre museu do mundo, flagrando com sua câmera momentos mágicos de interação entre obras, visitantes e funcionários.

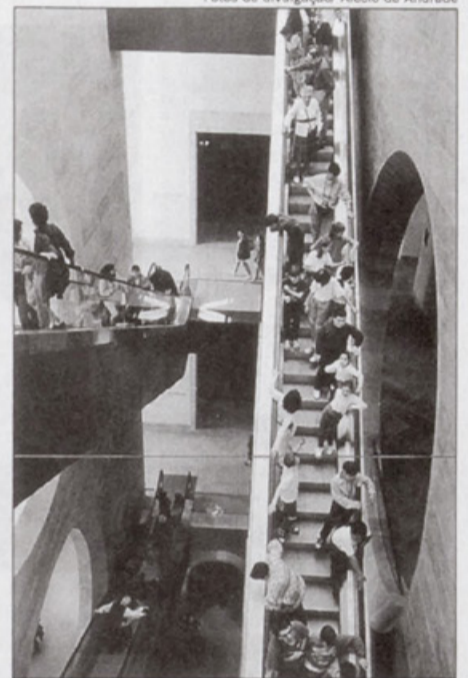
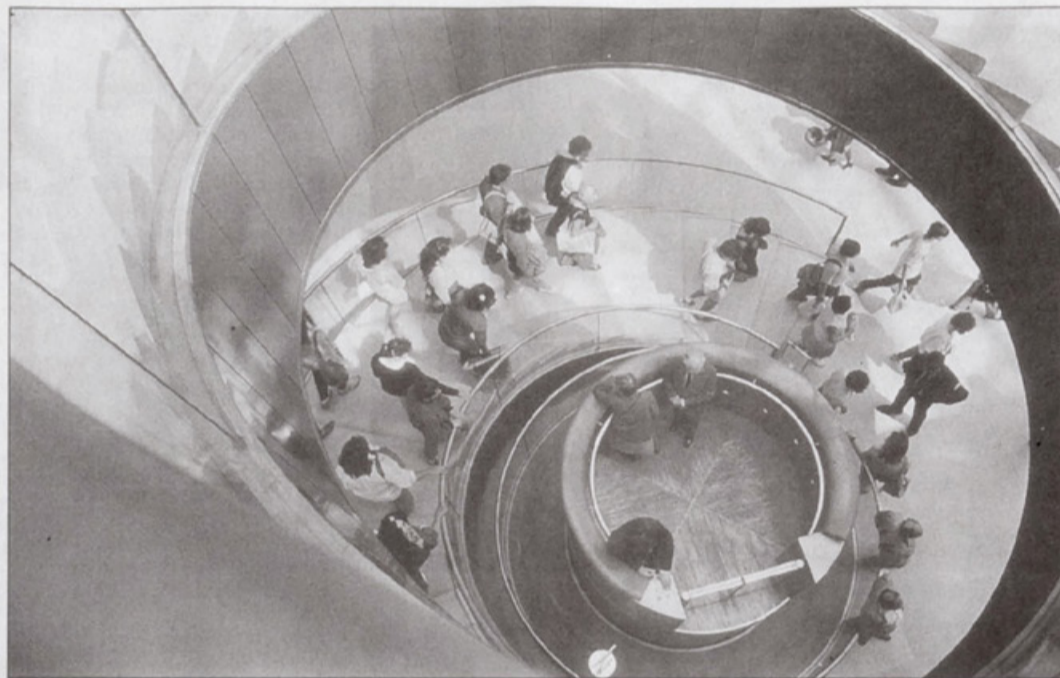
O resultado deste trabalho é uma série de 12 mil fotografias em preto e branco. Patricia Newcomer, viúva do fotógrafo brasileiro, dedicou-se a organizar este acervo para fazer um livro, seguindo os planos de Alécio. Após uma seleção inicial de duas mil fotos, ela pediu ajuda ao amigo Jean Marchetti, editor e marchand belga. Marchetti selecionou as 61 fotos que compõem o livro "O Louvre e seus visitantes", que o Instituto Moreira Salles (IMS) está lançando no Brasil.

Posição do pé é o que vale na foto

Para complementar o livro, mais 27 fotos foram adicionadas para uma exposição, aberta ao público na semana passada na sede do IMS em São Paulo, como uma das atrações do Ano da França no Brasil.

— Alécio acreditava que em algum momento ele conseguiria prever uma foto antes que ela acontecesse. E sempre dizia que o mais importante em uma foto era a posição de seu pé. Para ele, fotografar era uma dança. Alécio não era um observador distante, fazia parte do que fotografava, com uma noção de ritmo que vinha do pianista — explica Patricia Newcomer.

Quando Alécio foi viver em Paris, em 1964, estava ansioso para ver os originais das pinturas que já havia visto reproduzidas em livros. Mas, apesar de ter começado a fotografar o Louvre em 1965, a ideia de fazer uma série de fotografias dentro do museu, mostrando as obras e os visitantes que as observavam, só se consolidou mesmo no início dos anos 80. — Sempre que um jovem fotógrafo o visitava em Paris, Alécio



Fotos de divulgação/ Alécio de Andrade



CINCO DAS 12 MIL fotos em preto e branco (61 delas foram selecionadas para o livro "O Louvre e seus visitantes") feitas pelo brasileiro Alécio de Andrade durante mais de 20 anos de visitas ao museu parisiense; à esquerda, a famosa foto que ele batizou como "As três graças"



o mandava ao Louvre para ver pinturas e dizia: "Vá ao Louvre e depois me peça conselhos" — lembra-se Patricia.

A princípio, Alécio pretendia capturar imagens em todos os museus de Paris. Mas um de seus editores recomen-

dou: "Se sua paixão é o Louvre, por que não ficar só nele?". O brasileiro já havia feito por lá fotos como "As três graças", na qual três freiras observam as três mulheres nuas do quadro de Jean-Baptiste Regnault, e se entusiasmou

com a ideia. Alécio também estava encantado com a construção do Grand Louvre — extensão subterrânea do museu, com a entrada através da pirâmide projetada por I. M. Pei —, inaugurada em 1989.

— Quando você visita o

Louvre é que percebe o quanto deve ter sido difícil para ele fotografar em meio à multidão — admira-se Patricia, acrescentando que Alécio fotografava mais entre os meses de junho e setembro, o período de *rush* dos turistas. — Ele sem-

pre esperava fazer algo que não fosse banal e tinha um senso de humor incrível. ■

O GLOBO NA INTERNET
GALERIA Veja mais fotos de Alécio de Andrade
oglobo.com.br/cultura

ARTES PLÁSTICAS

Flagrantes poéticos nos corredores do Louvre

Mostra reúne 88 fotos de Alécio de Andrade que registram anônimos no museu mais visitado do mundo

Monique Cardoso

Conhecido e respeitado entre seus pares, o fotógrafo Alécio de Andrade (morto em 2003) foi-se para Paris no auge da luta pelas liberdades, em 1964, cobrir os conflitos nas ruas para a revista *Manchete*. Por lá ficou, seguiu os passos de Henri Cartier-Bresson, fez carreira na prestigiada agência Magnum e, justamente por causa do êxito profissional, pouco de seu trabalho ficou conhecido em seu terra natal. No ano passado, o Instituto Moreira Salles realizou grande retrospectiva de sua obra, mas somente agora chega aos olhos do público carioca o resultado de um projeto de vida de Andrade: um imenso e sensível painel de imagens capturadas no museu mais famoso e visitado do mundo. *Louvre e seus visitantes*, que acaba de ser aberta ao público no Museu Nacional de Belas Artes, condensa um ensaio-contínuo realizado ao longo de quase 40 anos, tempo de sua permanência na capital francesa, e que rendeu 12 mil fotos. A mostra reúne 88 destes instantâneos, verdadeiros flagrantes poéticos, e era um desejo do fotógrafo, que ele não conseguiu realizar em vida.

— Há uma clareza da importância de trazer a obra dele de volta ao Brasil, difundi-la aqui — pontua Sérgio Burgi, que assina a curadoria com a viúva de Andrade, Patrícia Newcomer. — Poderíamos ter realizado a mostra na sede do IMS, na Gávea, mas procuramos o Belas Artes por pensarmos num contexto de espaço museológico próximo do universo que ele está refletindo. As imagens são exibidas no mesmo contexto em que foram feitas.

Retratos de costas

A mostra, que faz parte do calendário oficial de eventos do Ano da França no Brasil, foi aberta anteontem, com a conferência *O Louvre e seus públicos: uma política cultural*, com participação de Burgi e de Jean Galard, ex-diretor cultural do museu francês. Cada imagem dá a sensação ao espectador de estar olhando por sobre os ombros do artista. Refletem senso de humor e, sobretudo, um certo carinho peculiar. A exposição aborda, de maneira explícita, a relação do espectador com a obra de arte. Apesar de a maior parte das pessoas aparecerem de costas — ou seja, de frente para as obras — são retratos tocantes.

— Muita gente está lá cumprindo aquela peregrinação do turista, tem empatia por algumas obras, ou vai até lá para ver obras específicas. Alécio de Andrade estava atento a isso, mas

“ Alécio de Andrade estava atento aos encontros do indivíduo com uma obra de arte que o toca particularmente

“ Ele tinha uma imensa empatia pelas pessoas do seu tempo, pelos desconhecidos que estão ali transitando diante de seu caminho. Nutria um interesse genuíno e sincero pelo outro

Sérgio Burgi
Instituto Moreira Salles



INSTANTÂNEOS — De 1964 até 2003, quando morreu, Alécio de Andrade reuniu nada menos que 12 mil imagens do museu francês

muito mais a determinados encontros do indivíduo com uma obra que o toca particularmente. Boa parte das imagens registra exatamente quando ele percebe que isso aconteceu. A posição e a expressão do corpo indicam de fato que a obra tocou aquela pessoa.

Visitantes displicentes

Outro aspecto de *Louvre e seus visitantes* também revela, pelos ângulos mais inusitados, a apropriação dos espaços do museu pelo público. O Louvre é um dos pontos turísticos mais visitados da França, a cidade mais visitada do mundo. Cerca de 70% dos que percorrem aqueles corredores são estrangeiros. E, por mais formais que sejam consideradas estas instituições sempre cheias de regras para os que cruzam suas portas, o fotógrafo captou momentos de puro despojamento. As imagens trazem jovens literalmente deitadas, olhando quadros ou lendo displicentemente um jornal; casais apaixonados; crianças correndo; um guarda entediado ao lado da Mona Lisa e um divertido registro de três freirinhas diante da tela *As três graças*, de Jean-Baptiste Regnault.

— É uma relação, ao mesmo tempo, de respeito e liberdade. Não há aquele formalismo que cria barreiras. Mostra um pouco da função original do Louvre, de ter sido destinado pela revolução francesa a ser um espaço de cultura para as

massas, abrir os acervos de arte da aristocracia e da igreja ao povo.

Carioca, Alécio de Andrade foi merecedor de um poema de Carlos Drummond de Andrade, que foi seu amigo e admirador. O acervo completo de Alécio de Andrade está em Paris, com seus herdeiros. Desde a organização da retrospectiva, o Instituto Moreira Salles passou a abrigar 360 de suas obras. Sérgio Burgi informa que a família tem todo o interesse e está empenhada em difundir seu acervo. Outras mostras devem ser programadas para os próximos anos. O fotógrafo cobriu acontecimentos como Maio de 68 e Revolução dos Cravos. Empresou seu olhar às revistas *Elle*, *Stem*, *Fortune* e *Newsweek*.

Além dos incontáveis cliques dedicados aos muitos corredores do Louvre, Alécio de Andrade dedicou-se de maneira especial a outros três temas: a infância, cenas de Paris e retratos de intelectuais. Todos têm uma coisa em comum. Poeta e pianista amador, ele se destacou por cultivar um sentido humanista diante do que ia retratar.

— Ele tinha uma imensa empatia pelas pessoas do seu tempo, pelos desconhecidos que estão ali transitando diante de seu caminho. Nutria um interesse genuíno e sincero pelo outro. A obra toda dele passa isso. É uma obra que transcende o tempo, é inspiradora.

LE LOUVRE VU PAR ALÉCIO DE ANDRADE

Photographe mais aussi poète, pianiste, ami des écrivains et des musiciens à travers le monde, Alécio de Andrade (1938-2003), Brésilien ayant résidé à Paris, a arpenté les salles du musée du Louvre pendant près de trente-neuf ans, à partir de 1964. De ces promenades, il a laissé 12 000 clichés.

Les photographies d'Alécio de Andrade témoignent de trente-neuf ans de la vie du musée du Louvre, des quelques copistes qui viennent encore y planter leur chevalet aux familles épuisées ou aux religieuses immobilisées par la représentation des *Trois Grâces* dans leur nudité.

Elles ont la particularité de représenter à la fois les visiteurs et les œuvres dans leur contexte muséal, et l'échange qui s'établit entre l'œuvre et ses spectateurs. Avec humour et poésie, mais avec la précision d'un ethnologue, le photographe a fixé la variété des générations, des attitudes, des gestuelles, de l'habillement, révélant un étonnant abandon des corps, une liberté. Ce que j'aime dans les photographies d'Alécio de Andrade est qu'elles me permettent d'avoir une vision en miroir.

Le « beau » se crée entre plusieurs interlocuteurs à différents moments : beauté de la toile, merveilleuses attitudes corporelles du visiteur qui témoignent de ses émotions, merveilleux instinct d'Alécio d'avoir déclenché la photo à ce moment précis. Et enfin nous. L'un regarde l'autre, mais encore Alécio fixe le tout ; puis, joie pleine, nous, qui avons encore la possibilité d'interpréter le visible.

L'image photographique apporte sa contribution à la culture née du musée et au musée, nouvelle ramification de la culture, cette sorte de système neurovégétatif qui irrigue selon ses réseaux la vie réelle d'imaginaire, l'imaginaire de la vie réelle.

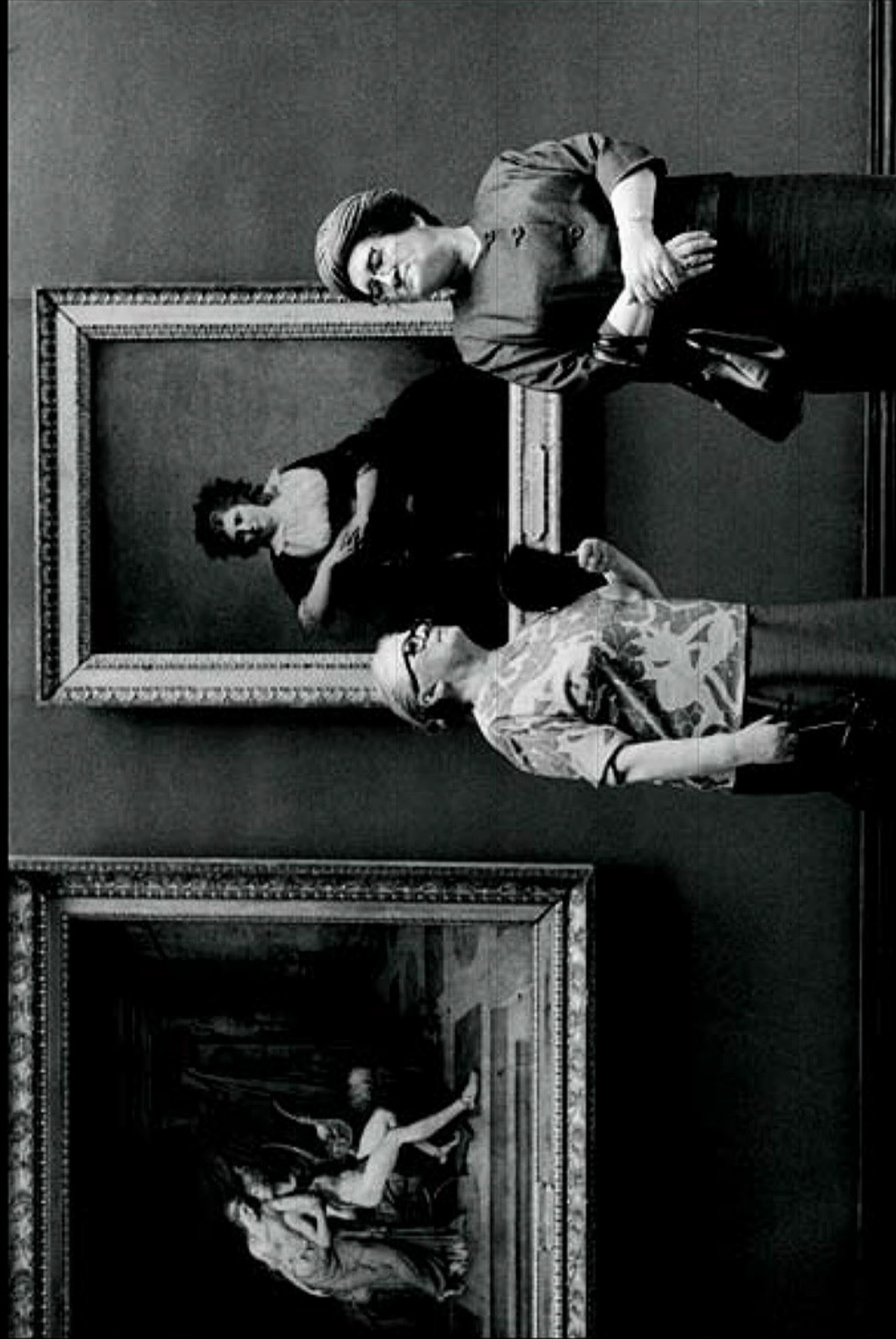
L'imaginaire est l'au-delà multiforme et multidimensionnel de nos vies et dans lequel baignent également nos vies. L'imaginaire commence avec l'image-reflet, qu'il dote d'un pouvoir fantôme, la magie du double.

PAR EDGAR MORIN



À lire
Le Louvre et ses visiteurs
Par Alécio de Andrade,
préface d'Edgar Morin,
essai d'Adrian Harding,
coéd. IMS / Le Passage,
184 p., 62 ill. 27 €.

Pour en savoir plus
www.aleciodeandrade.com



Musée du Louvre, 1969. Jacques Louis David, à gauche : *Les Amours de Plus et d'Hélène*, 1789 ; à droite : *La Marquise d'Orville*, 1790.



Ci-dessus
Musée du Louvre, 1969.
A gauche: **Baron Antoine-
Jean Gros**, *Christine Boyer*,
vers 1800.

**Jean Auguste Dominique
Ingres**, en haut, à droite :
L'Apollon et Hyacinthe, 1827 ;
en bas, à droite : *La Grande
Odalisque*, 1814.

Ci-dessus
Musée du Louvre, 1969.
En haut: **Jean-Baptiste
Greuze**, *Le Fil puni*, 1778.
En bas, à gauche: **Jacques-
Louis David**, *Les Amours
de Paris et d'Hélène*, 1789.

Page ci-contre
Musée du Louvre, 1970.
**Baron Jean-Baptiste
Regnault**, *Les Trois Grâces*,
1797-1798.



Ci-dessus
Musée du Louvre,
non daté.
Peintre: Paulus Rubens,
Le Concert (ou Conseil)
des deux pour les mariages
réciproques de la France
et de l'Espagne, dit
autrefois Le Gouvernement
de la reine.



Ci-dessus
Musée du Louvre, 1993.
A gauche: Girolamo
Mazzola Bedoli,
L'Adoption des bergers
avec saint Benoît,
1552-1554.
A droite: Federico Fiori
Barocci, dit le Barocce,
La Circoncision, 1590.

PORTFOLIO

« Les photographies que je propose ont peut-être en commun de redonner à ce lieu tant visité la présence et l'intimité du regard de celui ou de ceux qui, venant admirer des tableaux ou des sculptures, ne voient souvent que peu de chose mais, l'espace d'un instant, peuvent faire la rencontre d'une œuvre, ou même d'un détail, qui les touchera plus que toute autre chose. »

ALÉCIO DE ANDRADE



Ci-dessus
Musée du Louvre, 1993.
Paolo Callari dit
Veronese, *Les Muses*
de Cana, 1562-1563.



Ci-dessus
Musée du Louvre, 1993.
En arrière-plan à droite :
Eugène Delacroix,
Frédéric Chopin, vers 1838.



Page ci-contre
Balhazar et Florencio
de Andrade (fils d'Alécio
de Andrade et de Patrícia
Newcomer) au musée
du Louvre, 1990.
Jean Auguste Dominique
Ingres, *La Grande*
Odalisque, 1814.